

revista brasileira e fazer **free-lance**. Fiz fotos para o "Elle" e mais outros trabalhos. A mudança mesmo, veio em 68, quando eu residia definitivamente em Paris e presenciei as barricadas no Quartier-Latin. Registrei uma grande quantidade de fatos e então senti a importância da fotografia. Cenas como aquelas iriam reproduzir-se no mundo inteiro, e nós tínhamos a responsabilidade de documentá-las. A classificação da fotografia, como obra de arte, passa a ser, na minha opinião, relativa. Nossa tarefa é registrar acontecimentos. Se nisso há arte ou não, depende da interpretação de cada um.

**Funeral de Gilles Tautin, dia 15 de junho de 1968 no cemiterio de Batignolles.  
Na fábrica Renault de Flins, o jovem estudante de 17 anos morreu afogado no Sena, tentando fugir de uma carga da polícia.**

### **No entanto... a vida continua!**

"Alécio de Andrade: Com ou sem arte, a fotografia-documento",  
*O Globo*, 31 de agosto de 1973, Rio de Janeiro.

"E os meus planos são exatamente estes: dentro do possível, realizar o maior número de documentos, isto é, fotografias, que registrem o momento que se está vivendo."

"O gesto efêmero das coisas e das gentes", Sonia Biondo, *O Globo*, 27 de abril de 1979, Rio de Janeiro.

— Só sei fotografar; (...) Minha preocupação, com uma câmara na mão, é a de registrar as coisas que eu vejo, como se fosse num diário. O que conta é o ato de fotografar, o estar presente e testemunhar. (...)

— Para mim, é essencial a espontaneidade, o acaso do instante fotografado.

**PEF 2018**  
PARATY EM FOCO  
14º FESTIVAL INTERNACIONAL  
DE FOTOGRAFIA  
DE 19 A 23 DE SETEMBRO

### **Alécio de Andrade Maio de 68**

Diaporama de Patricia Newcomer  
Roman Hatala - Montagem  
Ludovic Morillon e Jérôme Lorichon - Música original  
Rafael Hime - Voz off  
15'44 - 2018

© Alécio de Andrade - ADAGP, Paris 2018

Fotografias em preto e branco - TOROSLAB  
Digitalização de imagens em preto e branco - Béatrice Hatala  
Tratamento de imagens - Anne-Marie Msili-Jézéquel  
Digitalização e tratamento de recortes de imprensa - Christophe Pete, JANVIER

Projeto gráfico Patricia Newcomer et Antje Welde



© Alécio de Andrade - Maio de 68

# ALÉCIO DE ANDRADE MAIO DE 68

Alécio de Andrade

"Letra A", José Carlos Oliveira, *Jornal do Brasil*, 9 de junho de 1971, Rio de Janeiro.

Alécio de Andrade

Alécio (de Andrade) — Falei nêle outro dia. É o fotógrafo da *Manchete* em Paris e acaba de entrar para a Agência Magnum. Esclarecimentos de Raul Brandão, o pintor das igrejas e grã-finas, que foi também o introdutor de Alécio na arte da fotografia:

Alécio de Andrade

"Arranjei-lhe uma boa e barata máquina, ampliador, e dei as dicas internas do profissionalismo. Durante um ano, pelo menos, aguentei revelar filmes para êle, criticar contatos e ampliações, e dar um par de broncas em que quase cortamos relações, mas em que êle tinha a humildade de vir no dia seguinte pedir não só desculpas, mas reconhecer a autenticidade e necessidade da bronca dada. Nisso e nesse instante vi que o rapaz não seria mais um brincalhão dos muitos que vieram me pedir conselhos e ajuda. Foi assim que selecionei e ajudei para que sua mostra na Petite Galerie fôsse o primeiro passo, e aquêle que lhe proporcionou a bolsa-de-estudos que o levou a Paris."

### Um pouco antes...

"Alécio de Andrade: Um permanente vínculo com o efêmero", Maria Lucia Rangel, *Jornal do Brasil*, 15 de abril de 1979, Rio de Janeiro.

"— Vai, Alécio, ver.

Vê e reflete o visto, e todos captam por teu olhar o sentimento das formas que é o sentimento primeiro — é último — da vida..." (*O que Alécio Vê* — Carlos Drummond de Andrade)

A fotografia começou a ser feita no Rio, ele não sabe nem bem por que:

— Possivelmente esse vínculo que você tem com o efêmero e essa nostalgia de perdê-lo. Há uma necessidade profunda de que alguma coisa que está em transito fique. No fundo, a necessidade do eterno.

Alécio de Andrade

— A formação fotográfica, no início, é apenas uma vaga idéia do que você tem da coisa. Depois é que passa a ser uma realidade. Quando você esquece a técnica — Alécio enfatiza a importancia que tem esquecê-la — é preciso que o vínculo com o real seja imediato. Para isso, é necessario esquecer tudo o que se aprendeu. Para se ter finalmente as mãos e pés — como são importantes! — livres. O ato de fotografar é um prazer físico também. Ele amalgama duas instancias, corpo e cabeça.

Alécio de Andrade

Alécio de Andrade

### Henri Cartier-Bresson

Alécio de Andrade

Foi durante os tumultos de maio de 1968, em Paris, que ele conheceu Cartier-Bresson:

Alécio de Andrade

— Ele levou uma cacetada e emergiu do meio daquela fumaça, confuso lívido e caiu nos meus braços. Em alguns segundos recuperou-se e pediu *mon casque, mon casque*. Entreguei seu capacete e ele partiu. Algumas horas depois nos encontramos novamente. Então, eu havia perdido minha namorada e fomos procurá-la juntos. Lembro-me de que, descendo a *Rue* St. Jacques, Henri parou diante de um *grafiti*, onde se lia *Chantage ou Bonheur*, para fotografar. Eu fiquei em silêncio e recomeçamos a andar. Foi quando ele indagou se tinha usado a luz correta. Como não soubesse, voltou e fez o trabalhou novamente.

Alécio de Andrade

Mas foi somente dois anos depois que Alécio passou a integrar a equipe da Agência Magnum, fundada por Cartier-Bresson, Robert Capa e David Seymour, à qual ainda está ligado. Mas a grande escola não foram as amizades nem a experiência, mas a coragem:

Alécio de Andrade

— Como eu e Henri nos víamos sempre e conversávamos, é claro que trocávamos idéias a respeito de fotos. As vezes saía para trabalhar com ele e, se muitas vezes ficávamos em cima do mesmo tema, outras

estávamos em campo diverso, como na ocasião da morte de De Gaulle. Ele foi para Colombey e eu para a Notre Dame. Escola, só para quem deseja se tornar um virtuoso no sentido da técnica.

Alécio de Andrade

E é com a técnica que Alécio está menos preocupado:

Alécio de Andrade

— O que conta é o ato. Mas não estou muito de acordo com o que Cartier-Bresson chamou de *"flagrante-delito"*. Acho que entre o *sujet* e o fotógrafo deve se passar alguma coisa. Há uma reciprocidade sem a qual nada é possível. Evidentemente que há momentos em que é preciso testemunhar um fato com rapidez.

Alécio de Andrade

Alécio de Andrade

"Alécio de Andrade: Com ou sem arte, a fotografia-documento", *O Globo*, 31 de agosto de 1973, Rio de Janeiro.

Alécio de Andrade

Foi só durante as barricadas no Quartier Latin que Alécio descobriu "o verdadeiro valor e importância da fotografia".

Alécio de Andrade

"Nossa tarefa é registrar acontecimentos. Se nisso há arte ou não, depende da interpretação de cada um."

Alécio de Andrade

Alem disso, outros fatores entravam em jogo. No inicio, "talvez por uma questão de amatorismo, eu procurava uma concepção artística para o meu trabalho".

— A cosa era realizada mais no campo da satisfação pessoal, sem me preocupar com contextos, momentos, ou alguma idéia mais elaborada. Eu não tinha descoberto ainda o verdadeiro valor e importancia da fotografia. Uma explicação viável, já que eu não sabia, também, o verdadeiro valor de todas as coisas. Hoje, meu trabalho é bem diferente. Eu fotografo de tudo, com um detalhe: só uso a lente normal.

Alécio de Andrade

Alécio de Andrade
&lt;/